



## **A comunicação como fator de identificação das crianças Gavião-Pykopjê<sup>1</sup>**

Rodrigo Nascimento Reis<sup>2</sup>

Emilene Leite de Sousa<sup>3</sup>

Universidade Federal do Maranhão/UFMA  
Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia/CCSST  
Coordenação do Curso de Comunicação Social/Jornalismo  
Grupo de Estudos Educação, Cultura e Infância/GECI-CNPq.

### **RESUMO**

Este artigo visa analisar a comunicação como fator de identificação das crianças indígenas Gavião-Pykopjê da Aldeia Riachinho, no Maranhão. Verificamos a inserção das crianças indígenas no seio da cultura, através da aprendizagem e da experiência com a ludicidade, além dos rituais. Atentamos para as práticas da infância que possibilitam a socialização destas crianças por meio da comunicação presente na aprendizagem e na ludicidade. Com o intuito de alcançar esses objetivos utilizamos a metodologia etnográfica, além das técnicas de coleta de dados da antropologia, como a observação direta e participante, com uma preocupação de apreender o ponto de vista das crianças, para a construção de uma etnografia de como as crianças indígenas Gavião-Pykopjê se comunicam durante a infância.

**Palavras-chave:** Infância; Comunicação; Identidade.

### **Introdução**

A comunicação é indispensável para a vida em sociedade. Durante a infância, as crianças comunicam-se entre si e com os adultos. O resultado desse contato gera identificação do ser criança na cultura em que está inserida. As crianças Gavião-Pykopjê da aldeia Riachinho no oeste do Maranhão através da comunicação entre si e os mais velhos absorvem os conceitos de aprendizagem, ludicidade e rituais, e assim, paulatinamente são inseridos na vida da aldeia.

Contudo, ainda são muito escassos, além de recentes, os estudos sobre a infância no Brasil, principalmente se compararmos com outras temáticas como gênero,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, Campus II, Imperatriz. Integrante do Grupo de Estudos sobre Educação, Cultura e Infância/GECI-CNPq.

<sup>3</sup> Mestre em Sociologia pela UFPB. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão, Campus II, Imperatriz. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. Coordenadora do GECI-CNPq e do Programa Conexões de Saberes.

violência, trabalho, saúde, etc. Ademais, os estudos sobre a infância existentes remontam sempre aos mesmos temas de pesquisa, dentre eles, aprendizagem, trabalho e violência infantil.

Além disso, no que se refere às infâncias rurais ou urbanas, os estudos são ainda principiantes, e o que dizer da infância indígena esquecida em todas as áreas de saber?

Pouco se tem dito sobre a vivência desta fase do ciclo de vida a que chamamos infância no que se refere às culturas indígenas no Brasil, principalmente no que tange a vivência dos rituais de iniciação e rituais de passagem, tão valorizados pela ciência antropológica, a aprendizagem formal (mediada pela escola) e informal (apreendida através da oralidade) e a ludicidade vivenciada de maneira muito peculiar pelas crianças indígenas.

No Maranhão, apesar da rica presença de indígenas no Estado compondo oito etnias, não há quaisquer registros acadêmico-científicos da vivência da infância pelas crianças indígenas que nos ajude a pensar sobre a aprendizagem e a ludicidade, além do processo de socialização que se garante por meios distintos daqueles vivenciados na infância camponesa ou nas grandes cidades. Sendo um destes meios os rituais de iniciação e passagem.

Neste sentido, este artigo revela a infância vivenciada por estas crianças indígenas do Maranhão. A partir da relação comunicativa entre as crianças, seus pais e o universo que as cerca é possível lançar luz sobre os modos de ser criança, a diversidade e heterogeneidade que a experiência com esse ciclo da vida pode assumir a partir de cada cultura.

### **A criança em questão**

Os questionamentos de Clarice Cohn, (2005) autora do livro Antropologia da Criança são ideais para falar sobre o ser criança, afinal, o que é a criança? O que é ser criança? Como vivem, se comunicam e pensam as crianças? Que significa a infância? Quando ela acaba?

E de fato, são perguntas nada simples de responder. Pois, as crianças estão em toda parte, todos fomos crianças um dia, “todos temos”, desejamos ou não ter crianças.

Além disso, a criança pode ser considerada a tábula rasa a ser instruída e formada moralmente, ou o lugar do paraíso perdido, quando somos plenamente o que

jamais seremos de novo. Ela pode ser a inocência ou um demoniozinho a ser domesticado.

Nessa perspectiva, se quisermos responder a essas questões, precisamos nos desvencilhar das imagens pré-concebidas e abordar esse universo e essa realidade tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam. Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista. E é por isso que a antropologia da criança é importante, como afirma Cohn.

Então, fazer antropologia é observar um fenômeno em seu contexto social e cultural. É tentar entendê-lo em seus próprios termos. Por isso, não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança, e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade. E o mesmo vale para as crianças do meio urbano.

Nesse sentido, encontramos a grande contribuição que a antropologia pode dar aos estudos das crianças, como afirma Clarice Cohn (2005).

Fornecer um modelo analítico que permite entendê-las por si mesmas; a de permitir escapar daquela imagem em negativo, pela qual falamos menos das crianças e mais de outras coisas, como a corrupção do homem pela sociedade ou o valor da vida em sociedade (COHN, 2005, p.9).

Por sua vez, Sonia Kramer (1996) fala que são vários os desafios que a pesquisa coloca quando se lida com crianças. Dessa forma, é importante cada vez mais, em nossos dias, aprender a ouvir as crianças e os jovens.

Logo é necessário não apenas conhecer as crianças enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-las para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira atual nos coloca. Não são apenas as crianças e jovens que estão “em situação de risco”, como se costuma afirmar; mas toda a sociedade encontra-se nesta situação enquanto não conseguirmos incorporá-los na elaboração de projetos, nos dias atuais.

Os primeiros estudos se preocupavam em entender o que significa ser criança e adolescente em outras realidades socioculturais, tomando frequentemente a sociedade norte-americana da época como um contraponto. Enquadra-se nesse contexto, Gregory Bateson, antropólogo britânico, que elaborou um método fotográfico de análise do cotidiano das crianças e de suas interações. Ele tirava fotos que abrangiam desde as

brincadeiras das crianças até os modos como eram carregadas por suas mães e as interações.

Houve também a influência, nos primeiros estudos, de inspirações psicanalistas, quando os antropólogos estudavam a primeira infância e, por exemplo, os modos de ninar e embalar as crianças, de ensinar a higiene pessoal e de disciplinar os comportamentos como definidores de padrões culturais, como determinantes na formação da personalidade ideal, adulta, de suas sociedades.

Já a corrente estrutural-funcionalista, recusa às crianças, portanto, uma parte ativa na consolidação e definição de seu lugar na sociedade: elas então são vistas como um receptáculo de papéis funcionais que desempenham, ao longo do processo de socialização, nos momentos apropriados.

Todos os trabalhos empreendidos no assunto têm a inegável importância de dar visibilidade aos estudos da criança e sugerir métodos e temas de observação, coleta e análises de dados, demonstrando que a experiência das crianças é cultural e só pode ser entendida em contexto.

Nessa perspectiva, era necessário dar um passo adiante, e se fazer capaz de abordar as crianças e suas práticas em si mesmas. Surge então uma nova antropologia da criança a partir da década de 1960, quando os antropólogos engajaram-se em um grande esforço de avaliar e rever seus conceitos.

A partir daí, novas formulações para conceitos centrais ao debate antropológico surgem, permitindo que se estude a criança de maneiras inovadoras. Dentre eles, o conceito de cultura, de sociedade e de agência, ou de ação social.

As várias revisões nos conceitos-chaves da antropologia permitiram ver as crianças de uma maneira inteiramente nova. Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição.

Clarice Cohn nos leva a pensar em uma criança atuante, “aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais” (COHN, 2005). Por isso reconhecê-la é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. E sim entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.

A autora fala da criança como produtora de cultura. Para isso, ela deixa claro que quando a cultura passa a ser entendida como um sistema simbólico; a idéia de que as crianças vão incorporando-a gradativamente ao aprender "coisas" pode ser revista.

A questão deixa de ser apenas como e quando a cultura é transmitida em seus artefatos, mas como a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia. Deste modo, a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; “a criança não sabe menos, sabe outras coisas” (COHN, 2005). Isso não quer dizer que a antropologia da criança recente se confunda com análises de desenvolvimento cognitivo, ao contrário, dialoga com elas. A questão, para a antropologia, não é saber em que condição cognitiva a criança elabora sentidos e significados e sim a partir de que sistema simbólico o faz.

Como exemplo, temos os estudos da antropóloga britânica Christine Toren, que utilizou instrumentos da psicologia juntamente a confecção de desenho temáticos pelas crianças, ao lado dos métodos antropológicos. Seu estudo, em suma, mostra que as crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto.

Cohn (2005) afirma que falar de uma cultura infantil é um retrocesso de todo o esforço de fazer uma antropologia da criança: é universalizar, negando as particularidades socioculturais. Mas ainda: é fazer a cisão entre o mundo dos adultos e o das crianças, e, dessa vez, de modo mais radical.

Diante tudo isso, metodologia e técnicas de pesquisa peculiares são indispensáveis para se trabalhar com crianças. As análises antropológicas que têm a criança como foco são amplas e variadas. Dessa forma, cada pesquisa particular terá que decidir por uma metodologia. Dentre elas, vejo como fundamental a observação participante, que consiste em uma interação direta e contínua de quem pesquisa com quem é pesquisado, é certamente uma alternativa rica e enriquecedora, que permite uma abordagem dos universos das crianças em si.

### **Universo da Pesquisa**

A Aldeia Riachinho fica a 15 km de Amarante, oeste do Maranhão. O acesso é difícil, devido a estrada ser de terra, e dependendo da época do ano, há muita poeira ou

lama. Os meios de transporte disponíveis são paus de arara, moto-táxi (com valor exorbitante) ou carro próprio.

No meio da mata fechada moram os índios. Há muitas árvores, e o riachinho que dá nome a aldeia, fica aproximadamente a 2 km das casas. A aldeia é organizada de forma circular, característica essa de todas as aldeias Gavião. A justificativa é que em todas elas deve ter um campo central, a que podemos comparar a um campo de futebol redondo, e as casas em volta. Dessa forma, fica mais fácil para o índio mensageiro avisar as famílias dos rituais, uma vez que poderá correr em círculo.

As casas são de alvenaria, não há sequer uma “oca” de recordação. Também a aldeia possui energia elétrica, mas apenas nas residências. Não há luz elétrica no campo central, pois é preferível que ele fique escuro para os rituais próprios da noite. Contudo há perspectivas de mudança quanto a isso, uma vez que já foram colocados postes à espera de fiação elétrica.

Nesse ambiente, as crianças Gavião Pykopjê são encontradas por toda parte: no meio do campo correndo, jogando bola, brincando nas árvores e debaixo das sombras. Elas também são facilmente encontradas em casas onde assistem desenhos, pois a TV já faz parte do universo cultural delas.

### **A comunicação entre pesquisador-criança**

Muitos estudiosos têm utilizado o método da antropologia, especialmente o conhecido como etnografia, entendendo ser esse o melhor meio de entender as crianças em seus próprios termos porque permite uma observação direta delas e de seus afazeres, e uma compreensão de seu ponto de vista sobre o mundo em que se inserem.

Em suma, a etnografia é um método em que o pesquisador participa ativamente da vida e do mundo social que estuda, compartilhando seus vários momentos, o que ficou conhecido como observação participante.

Equivocadamente tentei fazer entrevistas com as crianças, por influência das técnicas de reportagem. Mas não deu certo. Eu fazia uma pergunta coesa, e esperava uma resposta à altura. Contudo as crianças não entendiam, divagavam, ficavam tímidas. Daí lancei-me na etnografia e observação participante, busquei assumir um status social de quase igual, familiar e parente.

No meu caso, por ter descendência Tentehar-Guajajara (uma das outras oito etnias indígenas maranhenses) houve uma facilidade para dialogar com as crianças e

adultos. Pois, com sinais diacríticos evidentes, eles perguntavam de que etnia eu era, sobre a minha família, a minha vida, e à medida que eu lhes dava intimidade, a recebia.

Dessa forma, os pais não me viam como uma ameaça a seus filhos. Pelo contrário, diziam, “Sigam o rapaz”, “Respondam a ele”, “Ele é nosso parente”.

No primeiro dia em campo, apesar das imensas possibilidades de uma relação amigável, as crianças ficaram retraídas, distantes. Mas no segundo dia, não houve jeito, para onde eu ia, as crianças me acompanhavam, faziam exhibições nas árvores para eu olhar, conversar, a todo tempo queriam ser notadas.

Isso reforça a idéia de que para haver comunicação é preciso ter algo em comum. O comum entre o pesquisador e elas, eram as descendências. Ao contrário seria necessário mais tempo para criar outros vínculos com as crianças, por exemplo, simpatia, amizade, etc.

Para que as crianças ficassem ainda mais a vontade, segui as orientações de Roger Bastide (1979).

Não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo (BASTIDE, 1979, p. 154).

Com o passar dos dias, percebi que as crianças gostavam quando eu “adulto” brincava e interagia com elas. Quando isso acontecia, elas ficavam empolgadas, agitadas. Acredito que se eu não tivesse buscado uma relação de identidade com as crianças, talvez elas ficassem para mim e à pesquisa como crianças retraídas, tímidas e distantes.

Mas, claro, houve também momentos em que me distanciei. Fazia de tudo para não ser notado, e as observava. Percebi que elas quando estão sós, ficam mais tranquilas, como se quando eu estivesse por perto, elas tivessem de alguma forma que dá atenção a mim. Com isso, os métodos da antropologia para mim se tornaram legítimos, sem os quais não se poderiam alcançar resultados.

### **Comunicação gera cultura**

A transmissão da cultura indígena entre os Gavião-Pykopjê não ocorre de modo informal. Entre eles existem dias e horas marcadas para acontecer o aprendizado da cultura.

Nos finais de semana, quando os adultos não trabalham e os adolescentes e crianças não estudam, são os dias ideais para o aprendizado da cultura. Nestes dias, os índios se reúnem para aprender as danças, cantorias e pinturas. O aprendizado acontece em forma de oficinas, que eles chamam de “ensaios para os rituais”. Tal aprendizado ocorre porque na Aldeia Riachinho é vivenciado um projeto de valorização cultural. Neste projeto, os índios mais velhos são pagos para ensinar. Do contrário, essa transmissão seria rara segundo o próprio relato dos indígenas, uma vez que os mais velhos alegam cansaço. E apesar do pagamento em dia, ainda ocorre de certos anciãos-professores faltarem às oficinas.

Num dos finais de semana que estive na aldeia, houve oficina de pintura, dança e cantoria. Quando acontece a oficina de pintura, juntam-se de dois a dois para um pintar o outro respectivamente. Mas e as crianças? Elas também formam duplas pra se pintar. Criança só pode formar dupla com criança, nunca com adulto. Pois há uma grande diferença na pintura de ambos. Os adultos pintam-se de jenipapo, uma tinta que demora pelo menos uma semana para sair. Caso haja erro na pintura, este só vai desaparecer depois desse período. Dessa forma, para as crianças se pintarem, lhes são dadas o urucum, tinta vermelha que sai após o banho. Nesse sentido, os pequenos têm liberdade para pintar e errar, até que eles consigam coordenação motora, habilidade, criatividade e harmonia nos traços.

Quando um adulto percebe que uma criança “tem jeito pra coisa”, ele permite-se ser pintado por ela com a tinta de urucum primeiro, e depois por jenipapo. Mas isto acontece com o tempo, pois a prática da pintura exige concentração, atitude que os pequenos só adquirem lá pelos 8 e 10 anos. Enquanto isso, a maioria deles encara a oficina como diversão. E uma vez que a criança tem aptidão à pintura, ela se torna estimada por todos. Inclusive, a menina que me pintou era referência para todos, como alguém que aprendeu rápido e que faria um bom trabalho.

Quando se trata de danças, as crianças aprendem de duas formas. Em algumas danças elas são inseridas entre os adultos para imitá-los, e assim pegar o ritmo das músicas. Inclusive, até as mães com bebês no colo participam das danças. Geralmente, trata-se de danças de roda.

Todavia, acontece também das crianças terem um aprendizado isolado. Por exemplo, os adultos fazem uma roda só para eles. Por lá, eles cantam e fazem gestos para o Sol, Lua, Terra, etc. Já para as crianças, é feito outro círculo, onde um cacique fica no meio e ensina as crianças a mexer os pés, as mãos e o corpo conforme a cantoria.



Geralmente, as crianças levam tudo na brincadeira, e começam a rir, a girar na roda de forma dispersa. Mas se algum deles excede os limites, e deixa de participar da oficina, este apanha de seus pais, para que se recoloca no seu lugar.

Já as oficinas de cantoria acontecem geralmente a noite, no campo cerimonial. Não há energia elétrica nessa parte da noite. Só se pode observar a luz da lua e das estrelas. Por lá, os homens e mulheres começam a cantar. Não me foram revelados o significados das músicas. Mas todas elas tinham um ritmo, na minha versão, “MPI – música popular indígena”. Contudo, as crianças não estão aprendendo a cantar. Porque elas ficam a brincar enquanto os índios cantam, elas não se comunicam com os adultos durante o ensino da cantoria. As crianças aproveitam a oportunidade em que seus pais estão reunidos, e fazem pequenas multidões para correr pela aldeia, brincar de se esconder, etc. Raramente uma criança aparece na parte da aldeia onde acontece a cantoria. Também os índios velhos não mostram interesse em repassar as músicas aos menores, mais sim aos adolescentes. Porque para os velhos, estes estão capacitados a usar os instrumentos musicais e emitir sons ritmados.

### **Aprendizagem na escola**

Na aldeia há uma pequena escola, composta de duas salas. Este é o único local reservado para a educação. A estética da sala revela preocupação dos indígenas em manter sua cultura, uma vez que nas paredes existem mapas e fotos indígenas.

A situação da escola é precária, cadeiras e mesas caindo aos pedaços. O espaço é pequeno, sendo que em uma das salas funciona também a secretaria. O fato se tornou tão sério que neste ano, membros da secretaria de Educação do Estado do Maranhão, foram feitos reféns, até que se tomassem providências para a construção de uma nova escola. O resultado disso, é que já está em construção uma nova escola para os índios.

A escola oferece o ensino fundamental. O ensino médio só está disponível em Amarante. E, segundo os mais velhos, é a partir do momento que os adolescentes vão para a cidade de Amarante, que eles voltam mais rebeldes e desleixados com a cultura. A interação com os brancos é problema, enfatizam os mais velhos.

As crianças possuem as disciplinas normais. E são bastante interessados. Facilmente você vê um indiozinho com caderno e caneta na mão estudando. Seus professores são membros da aldeia que concluíram o ensino médio.

A língua materna é ensinada na escola. Há caderno e livros para auxiliar o aprendizado da mesma. E para reforçar o aprendizado da língua materna, os pais só se

comunicam com as crianças na língua materna até os cinco anos, como numa forma de preservação da identidade cultural. Pois eles devem primeiro aprender a língua materna, o timbira, depois o português. Contudo, já é possível vê as crianças falarem o português sem serem ensinadas. Isto ocorre através da televisão, mídia que já se tornou familiar para os indígenas.

### **Aprendizagem informal.**

As crianças aprendem muito, sem precisar ter horários e regras definidos. Isso ocorre principalmente através da imitação. Durante uma oficina de pintura, um ancião fazia cocares para enfeitar a cabeça de todos. Quando chegava uma criança por perto, ele mandava sair, pois considerava o serviço incapaz de ser feito por elas. Mas não tinha jeito, algumas crianças à distância faziam cocares, e até melhores que os do cacique, como foi o que eu ganhei de presente de Oscar, meu guia.

Sem a instrução dos adultos, os pequenos Gavião aprendem a fazer serviços domésticos, a pescar e andar pela mata. Principalmente, ao tentar enfrentar os perigos da floresta, é que os meninos aprendem valores como: confiança, coragem e liberdade.

### **Brincar de Faz de conta**

Uma das brincadeiras das crianças Gavião Pykopjê eu intitulei de “faz de conta”. Esta é uma brincadeira que desencadeia o uso da imaginação criadora das crianças. Para esta brincadeira utilizam-se objetos usados como: tubo de pastas, isqueiros, mão de pilão, caixinha de fósforo, vidros de perfume, latas de cremes, celular quebrado, calculadora velha, etc.

A brincadeira funciona assim: A criança pega os objetos e começa... faz de conta que esse pilão é a tora que os índios vão levar no dia da festa do Gavião....faz de conta que esse tubo de pasta é um mostro que apareceu na aldeia e quer falar com o cacique, faz de conta que essa calculadora é um carro, que esse vidro de perfume é fogão, e por aí vai até onde imaginação das crianças deseja ir. Meninas e meninas brincam do faz de conta, mas vale ressaltar que nem sempre eles costumam brincar juntos.

### **Só meninas**

As bonecas, casinhas e brinquedos pensados para a criança urbana, já fazem parte da cultura lúdica das meninas Gavião. Para o exercício da brincadeira as meninas sempre se reúnem na casa de uma entre elas, e montam na calçada lateral uma casinha.

Bem que podemos dizer, que se trata de casa mesmo. Porque a casinha que as meninas fazem não é apenas para as bonecas morar, mas sim, para que elas meninas possam viver. A realidade se mistura com o lúdico. Primeiro, porque a casa tem sofá, mesas e salas enormes, permitindo assim uma livre movimentação das crianças dentro da casa. No geral a casa criada pelas meninas chega a ocupar uma área de 6m<sup>2</sup>. Dessa forma, as meninas costumam trazer o almoço de casa, para comer junto às bonecas. Costumam também lavar as louças por lá, e tirar aquele soninho da tarde deitada no sofá. A brincadeira só se desfaz a noite, devido a pouca iluminação, e porque cada criança tem sua família.

Raramente os meninos se aproximam da casinha. Mas quando aparecem, eles são tratados como personagens. Como um visitante, um viajante que precisa de água ou informação.

### **Só meninos**

Os meninos são mais sapecas. Gostam de correr pela aldeia sem saber o destino. Uma de suas brincadeiras próprias é o nado. Só meninos participam dessa brincadeira, por que segundo eles, esta é uma capacidade para os mais fortes.

Para brincar, primeiro eles têm que se deslocar até o Riachinho, quase uma hora de caminhada. Por lá, os meninos ficam à vontade, digo nus. O menino mais velho chama a todos para um tronco no meio da água, e então um de cada vez, dá um salto, e começa a nadar por baixo da água. Quando o fôlego acaba, o menino fica de pé, e é marcado o lugar onde ele parou. Depois segue outro indiozinho, e respectivamente os outros. A finalidade é saber qual deles foi mais longe. E quem vai mais longe, ou seja, aquele que tem mais fôlego é considerado forte, e ganha o respeito e admiração dos outros indiozinhos.

Na água, também eles costumam brincar de luta, numa imitação dos desenhos Dragon Ball Z e Homem Aranha. Os meninos também costumam brincar de baladeira. A finalidade é caçar passarinhos, lagartinhas, calangos e cobras. O brinquedo é feito com um elástico entre duas varinhas, onde se coloca pedras no elástico, puxa-se e é só mirar para não errar o alvo.

### **Criar para brincar**

Entre os pequenos índios Gavião o brincar está vinculado à invenção e criatividade. Por lá as crianças gostam de jogar futebol, inclusive fizeram traves em

determinada parte do campo, porém não há uma bola tradicional como na cidade. Ela é criada com pedaços de papéis e sacos e enrolada com barbantes.

O amontoado de tijolos de uma casa aos pedaços, rapidamente se torna um suporte para a brincadeira. A regra é acertar, com os restos da casa, uma mira que só existe no pensamento das crianças. E nesta brincadeira elas perduram horas.

Nos quintais, de repente, uma enorme vasilha de louça se transforma em cavalo. Um recipiente de perfume se transforma em um personagem que anda pelo “mundo”, um pequeno espaço circunscrito e inscrito na areia.

Na perspectiva de Rosa (1998), a idéia de brincadeira e do brincar é uma qualidade de relação que o indivíduo estabelece com os objetos do mundo exterior. Estes objetos se constituem na possibilidade de uma abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento.

Dessa forma a criança brinca com a realidade, e assim constrói um universo particular, dando outra significação ao cotidiano, incorporando às suas vivências uma mística que enfatiza sua sensibilidade pelo mundo material.

Uma varanda de palha torna-se um lugar de disputa para ver quem dos meninos chega mais rápido ao ponto mais alto. Afinal é característica indígena ter habilidade para subir em árvores e lugares altos. Certa menina pega dois pauzinhos e começa a brincar com eles em frente à calçada, um pauzinho discute com outro e os dois fazem muitas peripécias juntos, e a fala dos personagens é no dialeto, e está presente o tempo inteiro na brincadeira.

Embora os brinquedos sejam confeccionados geralmente por adultos, não significa que as crianças não lhes dêem seus próprios significados. A partir do momento em que o brinquedo é dado a criança, ele passa a incorporar o sentido e o significado do mundo no qual a criança esta inserida.

O brinquedo não é definido por uma função precisa: ele é um objeto infantil utilizado livremente pelas crianças. A sua manipulação não está condicionada às regras ou princípios. O seu uso é dinâmico e renovado de acordo com a situação. No brinquedo, o valor simbólico é a função, estando estas duas dimensões imbricadas entre si.

As bicicletas infantis já foram incorporadas no universo da criança indígena Gavião-Pykopjê, mas diferente da cidade o espaço permite uma movimentação sem perigos.

Nem sempre o brinquedo deles é confeccionado pelos adultos, e sim pelas próprias crianças. Um aviãozinho é feito pela criança que vai atrás da madeira, corta com a faca e amarra com barbante.

Por isso, uma das condições do brincar, independente da idade daquele que o pratica, é a criatividade. Então, se o brincar é a expressão maior da criatividade, as crianças indígenas Gavião são ricas na capacidade criadora (inventam seus próprios brinquedos) dadas às condições financeiras em que vivem.

Todavia, esta criatividade só se faz possível porque a comunidade, como todo, legitima suas brincadeiras, os espaços, o tempo e seus brinquedos. Sem essa aprovação social, esse brincar específico das crianças indígenas não seria possível.

### **Crianças em rituais**

A infância Gavião além das brincadeiras é marcada pelos rituais. Os índios Gavião-Pykopjê costumam chamar os rituais de “brincadeiras”, o que sugere uma associação dos rituais de iniciação e passagem com a ludicidade. Porém a carga simbólica das “brincadeiras” as identifica como rituais.

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição) (Peirano, 2003).

Um dos rituais mais importantes da aldeia é a festa do Gavião. Dois adultos e uma criança participam deste ritual. A função dos adultos é cortar tora todos os dias, levar as mulheres para caçar, não só a mulher, mas todos da aldeia. Também devem caçar, pescar e tirar mel.

Dentro dessa festa o Gavião vai ter dois partidos, o Partido da Onça e o Partido do Esteirão que sempre vão estar disputando partida de tora todos os dias nos períodos de comemoração. Na disputa não existe prêmio para o vencedor. O grande momento da festa acontece na casa grande, feita de palhas.

A criança participante nesse ritual tem a função de carregar machado, facão, espingarda e outros utensílios dos outros dois indígenas adultos Gavião. O ritual termina com a empenação (ornamentar o corpo com penas) dos três, adultos e criança.

Para a criança tornar-se adulto, ela passa pelo ritual do ceveiro. Ceveiro é uma oca móvel onde se isola as crianças por dois ou três meses e a lógica é que ela engorde para se tornar adulta. Podemos compreender o ceveiro como um rito de passagem.

Roberto DaMatta nos revela que os ritos de passagem foram recorrentemente interpretados a partir dos anos 60, sobretudo por Victor Turner para quem os ritos de passagem são uma resposta adaptativa obrigatória, quando os indivíduos são obrigados a mudar de posição dentro de um sistema. Deste ângulo, os ritos seriam elaborações sociais secundárias, com a função de apagar os conflitos gerados pela transição da adolescência à maturidade, uma passagem postulada inevitável, difícil, problemática e conflituosa em qualquer sociedade humana.

### **Considerações finais**

A vivência da infância pelas crianças Gavião-Pykopjê é marcada por um permanente esforço de comunicação. Isto porque somente através da comunicação as crianças conseguem aprender, brincar, trocar informações. E dessa forma, são inseridas na própria cultura indígena e na vida adulta.

Exemplo disso, é que desde criança, meninos e meninas Gavião-Pykopjê se familiarizam com a cantoria, os rituais e a linguagem. O aprendizado em primeiro lugar da língua materna reforça a premissa da comunicação como fator de identificação das crianças Gavião-Pykopjê. Afinal, a comunicação entre as crianças entre si, os adultos e o universo que as cerca deve fortalecer a cultura na qual estão inseridas.

Mas há ruídos nessa comunicação, uma vez que a TV já está presente na vida cotidiana da aldeia. Assim, muitos dos comportamentos das crianças indígenas são reflexos daquilo que são vistos nos programas televisivos tal como as brincadeiras típicas da cidade como a ciranda, trenzinho, vôlei etc.

Contudo, a comunicação das crianças no universo da aldeia é mais forte, e a cada dia elas vivenciam mais a própria cultura, fortalecendo assim suas origens.

### **Referências Bibliográficas**

BASTIDE, Roger. 1979. **Arte e Sociedade**. São Paulo: Nacional.

CHATEAU, Jean. 1987. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus.

CONH, Clarice. 2005. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

DAMATTA, Roberto. 2000. **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade**. Rio de Janeiro. Maná vol 6 n.1.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) 2002. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira.

LEBOVICI, Serge; DIATKINE, René. 1985. **Significado e função do brinquedo na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas.

KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (Orgs.) **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 3. ed. Campinas: Papyrus.

MALDONADO, Mauro. 2004. **O desafio da comunicação: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Palas Atenas.

MELO, José Marques de. 1998. **Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis, RJ: Vozes.

PEIRANO, Mariza. 2003. **Rituais Ontem e Hoje**. Espírito Santo: Jorge Zahar

ROSA, Sanny S. da. 1998. **Brincar, conhecer, ensinar**. São Paulo: Cortez.

WINNICOTT, Donald. W. 1975. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago.